



Comunicação à Terceira Conferência Bienal da *Association for the Study of the Worldwide African Diaspora (ASWAD)* – Rio de Janeiro, Brasil entre 5 a 7 de outubro de 2005.

Joseph Harris¹

Tradução de Valter Silvério²

Acho muito bom podermos ter conferências deste tipo, que reúnem pessoas não para teorizar, mas para aplicar o que teorizamos.

Verifico que há muito tempo que o que a diáspora realmente precisa é de um modo de pensar diferente, uma maneira de estimular nossos formuladores de políticas a mudarem suas abordagens e serem mais inclusivos para todos nós.

A diáspora africana, ao contrário de outras diásporas, não se localiza em um único país ou nação que represente sua fonte de inspiração ou um momento definidor – conforme um participante mencionou mais cedo. Acredito que seja importante pensarmos a respeito disso e também acerca da diversidade na África, como a diversidade geográfica e étnica, sem referência a um único lugar monopolizando o foco.

No meu ponto de vista, isso significa dizer que o momento definidor é o do tráfico de escravos e escravidão. Agora, o fato de não se ter uma nação como Armênia para os armênios, Israel para os judeus, ou no caso dos irlandeses e

1 History Department - Howard University, EUA - earlharr@comcast.net

2 Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – São Carlos - Brasil - diasporizando@gmail.com

chineses, o problema é que não temos um foco nacional, mas temos, sim, um evento percebido por toda África, pois o tráfico de escravos abrangia toda África.

Todavia, temos uma nova onda de imigrantes da África desde o fim do século XX, como resultado não só do impacto da escravidão, - tenho que mencionar isto pois o impacto da escravidão continua -, mas também devido ao impacto do colonialismo, no fim do qual as nações se tornaram independentes. Muitas destas novas ondas de imigrantes que vieram da África para a diáspora - e este é o meu foco - vieram com uma consciência das novas nações independentes da África. E muitos com os quais conversei ainda preservam uma consciência africana e um certo vínculo com a África.

O principal vínculo deles está estabelecido com o estado-nação, isto é, o local onde suas famílias se encontram e para onde enviam seu dinheiro. Deste modo, uma vez que tenham eles uma identidade dupla, com a África como continente e com suas nações, eles também possuem uma terceira parte, pois moram em um país ocidental e muitos deles conquistaram sucesso e por encontrarem-se como tais, apoiam os africanos em suas questões nacionais, sejam nigerianos ou ganeses, apesar de estabelecidos no ocidente.

É preciso que olhemos para a definição desta terceira identidade como parte da Diáspora Africana. Eu vejo isto como um grande movimento da parte da ASWAD porque se apropria da noção de Diáspora Africana, projetando-a para um novo nível. As conferências que eu iniciei foram se apagando. Tiveram vida e, talvez, algum impacto, mas isto aqui parece estar em um nível mais elevado e vou dizer novamente como estou encantado em estar aqui.

Quero agradecer ao governo do Brasil não apenas por ter apoiado a conferência, mas por seguir com as mudanças necessárias, que devem acontecer na diáspora, de modo que todas as pessoas se tornem parte desta grande nação e que lutem da mesma maneira que nós, nos EUA e em outros lugares para tornar verdadeiro o conceito de “ser humano”.

Muito obrigado.

Recebido em: 02/12/2020

Aprovado em: 21/12/2020

Como citar esta comunicação:

HARRIS, Joseph. Comunicação à Terceira Conferência Bienal da *Association for the Study of the Worldwide African Diaspora* (ASWAD) – Rio de Janeiro, Brasil entre 5 a 7 de outubro de 2005. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 3, set.- dez. 2020, pp. 875-876.